

Índice

A crise de resiliência nos campus.....	1
O futuro de Israel, condicionado pelo judaísmo ultraortodoxo.....	3
“A Hora Mais Negra”.....	4

A crise de resiliência nos campus

Nas universidades dos EUA e Grã-Bretanha, é cada vez mais preocupante a fragilidade emocional dos novos estudantes. Um crescente número de jovens declara sofrer de ansiedade e problemas mentais. Uma elevada percentagem procura assistência psicológica. E tudo isto se repercute na relação entre professores e alunos na vida académica.

Em Inglaterra, uma série de relatórios nos últimos anos detetou nos jovens de hoje mais crises de ansiedade, depressão e insegurança do que nos de gerações anteriores. As investigações centram-se especialmente nos estudantes universitários, que parecem os mais afetados pelo problema.

Um [relatório](#) recentemente publicado pelo *think tank* Institute for Public Policy Research (IPPR) assegura que um crescente número de universitários declara sofrer de problemas mentais. No ano letivo de 2015/16, 15 395 estudantes do primeiro ano (2 % do total) declararam tais problemas à universidade, enquanto que no ano letivo de 2006/07 eram apenas 0,4 %.

Também é significativa a crescente procura de serviços de psicoterapia. Segundo o mesmo relatório, nalgumas universidades um em cada quatro estudantes solicitou serviços deste tipo. Os problemas de saúde mental são mais frequentes entre os alunos de licenciatura do que nos de pós-licenciatura e afetam mais as mulheres do que os homens.

Outros relatórios deparam também com um aumento dos casos de ansiedade entre os jovens. O [Departamento da Educação de Inglaterra](#) assegura que um terço dos alunos de 14 anos mostra sintomas de ansiedade. Segundo [dados do](#)

[National Health Service](#), mais de 235 000 menores de 18 anos recorreram aos serviços de saúde mental. E noutro [inquérito](#) encomendado pela The Young Women's Trust entre raparigas dos 18 aos 30 anos, percentagens superiores a 40 % declaravam sentir-se esgotadas, com falta de autoestima ou com medo do futuro.

Perante estes relatórios alarmantes, há quem pense que aquilo que mudou não é tanto a situação juvenil como o diagnóstico. Ser jovem significou sempre insegurança existencial. A novidade é que agora a ansiedade juvenil tem sido medicalizada. A cultura e as práticas de socialização são favoráveis a que os jovens se vejam a si próprios como seres vulneráveis e emocionalmente frágeis. “E quando os jovens se veem a si próprios como vulneráveis, muitas vezes têm interpretado a sua experiência de frustração e mal-estar através do prisma da psicologia”, afirma [Frank Furedi em “Spiked”](#) (30.10.2006). Em vez de reconhecer que essas emoções e ansiedade fazem parte do processo natural de transição para a idade adulta, são etiquetadas como uma patologia mental.

Os que criticam o catastrofismo dos relatórios sobre a epidemia de ansiedade juvenil sublinham a falta de definições claras sobre o mal-estar que refletem. Sentir-se infeliz, inseguro diante dos desafios a enfrentar, ou inquieto perante o futuro, são problemas típicos da idade juvenil, embora possam provocar momentos difíceis. Se a isso se junta na universidade a preocupação relativamente à situação dos estudos ou a carga pela dívida contraída para pagar a matrícula, a ansiedade pode crescer. Mas se se diagnostica como problema de saúde mental, pode parecer que há toda uma geração em crise.

De qualquer forma, não há dúvida de que o declínio da resiliência dos estudantes está a afetar a vida universitária.

Tradicionalmente, as universidades têm centrado o seu trabalho em proporcionar uma formação académica de qualidade, dando por adquirido que os estudantes tinham a capacidade suficiente para enfrentar como adultos os seus problemas da vida quotidiana. Mas agora deparam com o facto de que cada vez mais os estudantes e as suas famílias esperam que a instituição se ocupe também de vir ajudar a combater a sua fragilidade emocional.

Isto começa a ser um problema sério nas universidades, comenta o psicólogo Peter Gray em "[Psychology Today](#)" (22.9.2015). Diz Gray que "os estudantes têm medo do fracasso e não se arriscam. Precisam de estar seguros das coisas. Para muitos deles, o fracasso é algo catastrófico e inaceitável. As medidas externas do sucesso são para eles mais importantes do que a aprendizagem e o desenvolvimento autónomo".

Uma nota negativa pode desencadear uma crise emocional. Os alunos vão discutir o exame ou irão querer refazer o trabalho, reclamando uma espécie de "direito ao esquecimento" académico. Em face desta tendência, Gray pensa que se tem de normalizar a experiência do insucesso e aprender com os próprios erros. Tudo isto faz parte do processo de aprendizagem.

Esta falta de resiliência, afirma Gray, está a interferir com a missão académica da universidade. Os professores tendem a baixar os padrões académicos, ao não suscitarem excessivos desafios aos estudantes e ao dar-lhes um empurrãozinho para que aprovem.

Igualmente nos EUA, cresceram na última década os índices de ansiedade e depressão entre os estudantes, e muitos mais alunos recebem medicação para tratar esses transtornos. Muitos deles estão a debater-se com as típicas tensões da vida nos *campus* (ser autónomo pela primeira vez, notas negativas, ruturas sentimentais...), mas para enfrentá-las parecem necessitar de ajuda psicológica.

Peter Gray conclui que a falta de fortaleza dos estudantes é o fruto de uma educação que não favoreceu o seu amadurecimento: "Criámos uma geração de jovens a quem não foi dada a oportunidade de aprender a resolver os seus próprios problemas. Não tiveram a experiência de se meter em dificuldades e descobrir o modo de as superar, a experiência do fracasso e de superá-lo, de serem criticados e saberem responder sem a intervenção de um adulto". E isto é o que obtivemos: "Jovens de 18 e mais anos, que chegam à universidade e são ainda incapazes ou não desejam assumir responsabilidades, e que estão à espera que, se aparecer um problema, haverá um adulto que o irá resolver".

Esta é a herança da hiperproteção dos "[país helicóptero](#)" ("Aceprensa", 28.3.2016), que não deram aos filhos a oportunidade de brincar, explorar e procurar alcançar os seus próprios objetivos sem uma opressiva supervisão paterna. Mas muitas outras forças sociais contribuíram para esta fragilidade, a começar pelas contínuas exortações dos espe-

cialistas aos pais sobre os perigos de deixar que os filhos atuem sozinhos.

O receio de enfrentar a insegurança não só produz crises psicológicas nos alunos, como também prejudica a vida académica. Na universidade, tem de haver confronto de ideias, abertura a outras visões do mundo, defesa e crítica de posições diferentes, algo que dá origem a uma tensão intelectual e vital que faz amadurecer os estudantes. Mas, hoje em dia, não poucos alunos encaram o choque com as ideias contrárias como uma ofensa pessoal, consideram que o orador que questiona as suas convicções está a exercer uma violência verbal, e reclamam "safe spaces", espaços seguros onde ninguém possa sofrer "micro-agressões", ou seja, palavras e posições que possam incomodar tal grupo ou minoria. Embora toda a gente afirme defender a liberdade de expressão, sob o lema "[speech is violence](#)" ("The Atlantic", 18.7.2017), é possível sempre encontrar motivos para impor o silêncio ao discordante.

Daí a crescente intolerância que se observa nos *campus* para com posições que saem do consenso politicamente correto, o que se manifesta na rejeição de oradores convidados ou de grupos estudantis diferentes. Em nome do pensamento inclusivo, acaba por se excluir quem atua fora do coro e censurando a liberdade de expressão.

Jonathan Haidt, psicólogo social, professor de liderança ética na New York University, estudou esta crise de fragilidade nos *campus* norte-americanos e a tendência dos alunos para impedir que se exponham ideias que possam afetar o seu bem-estar emocional. Em recentes [declarações à 'Spiked Review'](#) (agosto 2017), Haidt salientava o perigo que isto constitui para a vida académica: "Está a alargar-se rapidamente a sensação de que professores e alunos estão a caminhar entre areias movediças. A pessoa é responsável, não já pelo que diz, mas por como pode ser encarada por quem quer que a escute. E se ao falar se tem de pensar qual pode ser a pior interpretação que outra pessoa pode fazer das nossas palavras, já não é possível ser provocador, não se pode assumir riscos. (...) Isto é o que estou a constatar nas minhas aulas quando se aborda um tema que tem a ver com a raça ou o género, temas sobre os quais costumávamos falar há uns dez anos, e sobre os quais agora custa falar e há muito silêncio".

Haidt constata que as taxas de depressão e de ansiedade cresceram exponencialmente nos *campus* desde 2011, e atribui esta vulnerabilidade dos estudantes a três causas principais: a exposição às redes sociais, a polarização política nacional e a hiperproteção em que foram criados.

As redes sociais fazem com que o aluno seja muito mais dependente da opinião dos outros. Quando um aluno introduz algo no Facebook e espera para ver como reagem os seus amigos e colegas, cresce a sua insegurança: Cairá bem no grupo? Que pensarão de mim?

A polarização política manifestada nos EUA nos últimos anos favorece também a tendência para atribuir ao grupo oponente todo o tipo de más intenções e de se considerar a si próprio como vítima de uma agressão. É assim mais difícil encontrar pontos de acordo com o adversário, e reforça-se a disposição para demonizar em bloco a sua posição.

Haidt concorda com Gray dizendo que esta fragilidade psicológica dos estudantes atuais também é consequência de não estarem acostumados a enfrentar os problemas sem a proteção dos adultos. Diversos estudos comprovaram que, enquanto nos anos 80, as crianças passavam muito tempo a brincar sem supervisão paterna, desde o início deste século, praticamente não são perdidas de vista e não têm a experiência de enfrentar sozinhas os problemas.

Esta hiperproteção fez mais mal do que bem. Haidt compara-a ao sistema imunitário: se se protege demasiado as crianças de micróbios e bactérias, o sistema imunitário não se desenvolve e as crianças serão imunologicamente frágeis.

Em face do aumento dos problemas mentais nos *campus*, a reação imediata pode ser pedir mais assistência psicológica, mais proteção para os afetados. Mas se se recorrer a comprimidos para qualquer problema vital, enfraquecer-se-á a capacidade para enfrentar o *stress* e crescerá a insegurança.

Do ponto de vista de um psicólogo social como é Haidt, centrar-se na ajuda médica pode ocultar a tendência mais importante: “que nas duas ou três últimas décadas, os norte-americanos enfraqueceram o desenvolvimento da resiliência ou da fortaleza dos seus filhos”. E quando na universidade os alunos têm de assumir responsabilidades e decisões, cresce a sua ansiedade e a sua fragilidade.

Mais do que um problema de saúde mental, existe um problema de formação do carácter, que se está a repercutir na vida académica e que haveria que enfrentar antes.

I. A.

O futuro de Israel, condicionado pelo judaísmo ultraortodoxo

Israel vai passar à história, entre muitas outras coisas, por se ter constituído como o único Estado confessionalmente judeu. Todavia, embora a imagem que possa transmitir para o exterior seja de uma nação judia homogénea, a realidade é que um dos principais desafios políticos que Israel tem pela frente – além do conflito com os palestinianos – é o de integrar

numa mesma terra maneiras diametralmente opostas de entender o judaísmo.

Os haredis (que significa “os que temem Deus”) ou – como se costuma chamá-los – “ultraortodoxos” representam, dentro do judaísmo, a prática religiosa mais devota. Tal como outros grupos de judeus, acreditam que Deus entregou a Tora a Moisés no Monte Sinai juntamente com as suas respetivas regras e mandamentos (*mitzvoth*), 613 no total, que compõem o corpo da lei judaica (*Halajá*). Mas, diversamente da maioria dos seus contemporâneos, caracterizam-se por uma interpretação praticamente literal do texto da lei judaica, e por adotarem posições radicais nos restantes âmbitos da vida quotidiana.

Concretamente, grande parte da comunidade haredi tem-se caracterizado por uma rejeição da modernidade ocidental, e esforça-se por viver do modo mais afastado possível de tudo quanto tenha a ver com ela. Esta rejeição traduz-se numa segregação geográfica, pois a maioria dos judeus ultraortodoxos costuma viver isolada do resto das comunidades laicas que a rodeia, formando bairros e distritos isolados no meio das cidades.

Os códigos sociais de modéstia em vários destes bairros atingem, nalguns casos, aspetos extremos. Em muitos deles, os homens não dirigem a palavra a nenhuma mulher, excetuando a esposa e vice-versa; o transporte público está separado numa secção de homens e numa de mulheres, e algumas, especialmente devotas, só saem à rua com uma *burca* que as cobre totalmente.

Esta segregação possui também uma vertente social, pois os judeus ultraortodoxos têm um sistema educativo paralelo ao secular. Nele, cada estudante permanece até aos 18 anos na respetiva *yeshivá*, a estudar o Talmude e a Tora; depois, os homens – que costumam casar nesta idade – podem optar por continuar os estudos em centros mais avançados denominados *kolel*. Para a maioria, o estudo dos textos religiosos constitui a atividade mais nobre onde investir o seu tempo.

Esta rejeição do mundo e um atento cumprimento do recolhido nos textos sagrados, traduz-se também numa rejeição amplamente maioritária do sionismo e do estabelecimento do Estado de Israel. A opinião partilhada por muitos haredis é que Deus destruiu o reino de Israel para o castigar, e que somente o Messias poderá restaurá-lo de modo definitivo.

A participação política dos haredis é, por isso, escassa, entendida somente como uma presença necessária para defender os seus direitos e garantir o cariz religioso das diferentes políticas sociais. Mas os dois partidos que aglutinam a ampla maioria de votos da comunidade ultraortodoxa, o Shas e o Yahadut Hatorah, têm sido historicamente de vital importância para os dois grandes partidos – o Likud e o partido trabalhista – formarem coligações governamentais.

A coexistência dos haredis junto de outros segmentos da população encontra-se atualmente numa situação delicada.

Embora seja verdade que muitos judeus praticantes consideram legítima a prática ultraortodoxa, muitos outros – principalmente judeus seculares – veem neste grupo um grave perigo para a sustentação e o desenvolvimento do Estado de Israel. E isso principalmente por três razões: a recusa dos haredis a participar no serviço militar obrigatório, a sua baixa participação laboral e o seu rápido crescimento demográfico.

Estes problemas, uma ameaça para a coesão social e a sustentabilidade económica de um país de só 8,5 milhões de habitantes, têm um futuro incerto para resolver. A comunidade haredi possui a taxa de fecundidade mais alta do país (6,9 filhos por mulher, contra [3,13](#) da população secular judaica e da árabe-israelita), e em [2059](#) deverá ser 30 % da população total de Israel (5,25 milhões num total de 18 milhões).

Definir novo modo de coexistir entre judeus ultraortodoxos e restantes sensibilidades representadas em Israel é dos principais desafios que esse país enfrentará nos próximos anos. Não só debater políticas sociais ou económicas, não apenas conseguir forma de integração que satisfaça as partes. É um problema de identidade do Estado de Israel: 70 anos após a criação, é preciso perguntar de modo profundo e rigoroso o que significa, hoje mais do que nunca, ser um Estado judeu.

S. M.

“A Hora Mais Negra”

“Darkest hour”

Realizador: Joe Wright
Atores: Gary Oldman; Lily James
Duração: 125 min.
Ano: 2017

Winston Churchill torna-se 1.º ministro da Grã-Bretanha a 10 de maio de 1940. Não fora eleito mas escolhido pelo parlamento para dirigir um governo de coligação num grave momento: a Bélgica e a França estão quase a render-se às tropas nazis e o exército inglês enviado para terras francesas está a ser encurralado em Dunquerque.

No interior do governo britânico, a coesão não é total. Alguns defendem a aceitação de um acordo de paz com Hitler. Há divergências... A guerra precipita-se com a capitulação belga e francesa. Todos os soldados ingleses estão prestes a ser aniquilados nas praias de Dunquerque. Os EUA permanecem neutrais sem poder ajudar a Inglaterra. Durante 5 dias, de 24 de maio, sexta-feira, até 30 de maio, terça-feira, Churchill tem

de decidir se continua em guerra contra a Alemanha, ou se avança para a paz, deixando a Europa à mercê de Hitler. Além disso, está em jogo o seu próprio cargo... O livro “Cinco dias em Londres” de J. Lukacs descreve bem toda a situação.

Churchill decide então ouvir as pessoas, das mais humildes até ao rei. No final, vai ao parlamento e num discurso vigoroso explica que a Grã-Bretanha não se renderá e lutará com todas as forças contra o nazismo. O resto passou à História...

Tópicos de análise:

1. Um líder sabe medir o alcance das decisões para lá do imediato.
2. Comunicar de forma correta conduz à aceitação da mensagem.
3. Defender uma causa justa galvaniza os outros a segui-la.

[Hiperligação](#)

Paulo Miguel Martins
Professor da AESE

